

A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

**Maria Izabel Machado
(Organizadora)**



A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

**Maria Izabel Machado
(Organizadora)**



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S678	<p>A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-863-2 DOI 10.22533/at.ed.632192312</p> <p>1. Ciências sociais. 2. Comportamento humano. 3. Desenvolvimento humano. 4 Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Machado, Maria Izabel.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2* nos convida a refletir sobre um conjunto de fenômenos contemporâneos em diálogo com múltiplos saberes e perspectivas, razão pela qual os capítulos que seguem estão organizados por afinidade temática e/ou metodológica.

O primeiro eixo nos permite compreender as questões acerca do desenvolvimento humano desde a perspectiva da infância. Seja em espaços urbanos ou rurais, no campo ou na cidade, as crianças ganham centralidade nas análises desde seus saberes, redes, brincadeiras e subversões.

Das fricções entre o urbano e o rural que também colocam em tensão saberes técnicos e locais somos convidados a pensar abordagens sociológicas para os desastres ambientais que deem conta da complexidade em que se imbricam interesses econômicos, defesa do meio ambiente e a vida das populações atingidas pelos desastres.

O terceiro e último bloco de capítulos oportuniza tanto o acesso a temas atuais da sociologia como as migrações e os choques culturais decorrentes desses processos, quanto um apanhado metodológico que envolve diversos caminhos e técnicas de pesquisa, sejam elas centradas nos sujeitos ou nas estruturas e processos sociais de acumulação de poder e capital.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO URBANO E DO RURAL	
Gerson Luiz Buczenko	
Maria Arlete Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.6321923121	
CAPÍTULO 2	12
TRANSPORTE ESCOLAR E INFÂNCIA DO CAMPO: AS VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS RIBEIRINHAS DE UMA ESCOLA NO RIO UAICURAPÁ/ PARINTINS - AMAZONAS	
Kilsimara Nascimento Ribeiro	
Gyane Karol Santana Leal	
Rosaria Jordão Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.6321923122	
CAPÍTULO 3	23
SUBVERSÕES DO BRINCAR: DISPOSITIVOS NA INFÂNCIA FRENTE AS NORMATIZAÇÕES INSTITUCIONAIS	
Giovana Glaucia Fernandes	
Natasha Carolina da Costa Carreño Baeta	
Rafael Delaguardia Felix	
Ricardo Lopes Correia	
DOI 10.22533/at.ed.6321923123	
CAPÍTULO 4	34
EPISTEMOLOGIAS DO SUL: INFÂNCIAS E CANDOMBLÉ NA CIDADE DE SÃO PAULO EM BUSCA DE UMA PEDAGOGIA ARTEIRA	
Ellen Gonzaga Lima Souza	
Gabriela Tebet	
Antônio Paulino de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6321923124	
CAPÍTULO 5	43
O BAIRRO A PARTIR DE UM PASSEIO DE ÔNIBUS: EXPERIÊNCIAS DE CRIANÇAS E SOBRE A INFÂNCIA NO ESPAÇO URBANO	
Zuleica Pretto	
DOI 10.22533/at.ed.6321923125	
CAPÍTULO 6	56
O LUGAR SOCIAL DA CRIANÇA RIBEIRINHA DA AMAZÔNIA MARAJOARA	
Simeir Santos Andrade	
Magali dos Reis	
Laura Maria Silva Araújo Alves	
DOI 10.22533/at.ed.6321923126	
CAPÍTULO 7	67
PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E SABER LOCAL NA GESTÃO DO DESASTRE DA REGIÃO SERRANA (RJ): UM ESTUDO DE CASO	
Maria Suellen Timoteo Correa	
DOI 10.22533/at.ed.6321923127	

CAPÍTULO 8	79
REPARAÇÃO DE DANOS NO DESASTRE DO RIO DOCE, PARTICIPAÇÃO E ATORES SOCIAIS	
Aloisio Ruscheinsky Manoella Treis	
DOI 10.22533/at.ed.6321923128	
CAPÍTULO 9	92
A CENTRALIDADE DAS RELAÇÕES NO COTIDIANO DE UMA INSTITUIÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	
Alessa Cristina Pereira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6321923129	
CAPÍTULO 10	105
MIGRAÇÕES INTERNAS E A EMERGÊNCIA DE DISPUTAS SIMBÓLICAS NO RIO GRANDE DO SUL	
Pedro Francisco Marchioro Talita Cristine Rugeri Lorena del Pilar Pereda Cordova	
DOI 10.22533/at.ed.63219231210	
CAPÍTULO 11	118
ANÁLISE DE QUESTÕES DE SOCIOLOGIA DO ENEM (2015): REFLEXÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS E POLÍTICAS	
Ozaias Antônio Batista Maria Genilda Marques Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.63219231211	
CAPÍTULO 12	134
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA (INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES): PROSOPOGRAFIA E CONEXÕES POLÍTICO-FAMILIARES	
Mônica Helena Harrich Silva Goulart Ricardo Costa de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.63219231212	
CAPÍTULO 13	152
PALMYRA WANDERLEY NA REVISTA VIA-LÁCTEA DE 1914-1915: ESCRITA E POESIA NA EDUCAÇÃO DA MULHER POTIGUAR	
Maria Joseane Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.63219231213	
CAPÍTULO 14	164
A CULTURA CONSERVADORA DE GUARAPUAVA, FRENTE AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E TECNOLÓGICO	
Marco Aurélio Silva Antonio Costa Gomes Filho	
DOI 10.22533/at.ed.63219231214	

CAPÍTULO 15	175
A SOCIEDADE DE MERCADO NO SÉCULO XXI E SEUS DESAFIOS: TRABALHO, PRODUTIVIDADE E DESEMPREGO	
Nelton Moreira Souza Eliete Barbosa de Brito Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63219231215	
CAPÍTULO 16	189
AS MULHERES NAS PRISÕES BRASILEIRAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	
Ivaneide Nunes Paulino Grizente Regina Maria Macedo Costa Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.63219231216	
CAPÍTULO 17	196
AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISES DO CAMPO CIENTÍFICO E O ESTUDO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO	
Renato Ribeiro Daltro	
DOI 10.22533/at.ed.63219231217	
CAPÍTULO 18	201
PRÁTICAS SOCIOINFORMACIONAIS EM AMBIENTES DIGITAIS E A CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS CRÍTICAS EM INFORMAÇÃO	
Edvaldo Carvalho Alves Fellipe Sá Brasileiro Daniella Alves de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.63219231218	
SOBRE A ORGANIZADORA	218
ÍNDICE REMISSIVO	219

O BAIRRO A PARTIR DE UM PASSEIO DE ÔNIBUS: EXPERIÊNCIAS DE CRIANÇAS E SOBRE A INFÂNCIA NO ESPAÇO URBANO

Data de aceite: 22/11/2019

Zuleica Pretto

Universidade do Sul de Santa Catarina, Curso de
Psicologia – Florianópolis, Santa Catarina

RESUMO: Compreendendo a infância como um acontecimento pessoal, cultural e político, e a experiência do lugar como elemento constituidor dos processos de subjetivação e de organização coletiva (PRETTO, 2015), este trabalho pretendeu uma análise de experiências de crianças no espaço urbano, especificamente a partir de uma atividade intitulada “Circulando de ônibus com as crianças em trajetos de seu bairro”. Essa atividade envolveu sete meninas, com idades entre oito e nove anos, pertencentes a camadas populares e a famílias nativas do bairro. Conforme o bairro se descortinava através da janela do ônibus, as crianças demonstravam familiaridade em utilizar o transporte público com autonomia; confirmavam conhecer o contrato social que rege os espaços públicos conforme marcadores sociais como idade, camadas sociais, gênero; evidenciavam a noção de pertença ao bairro mediante o reconhecimento de espaços significativos e de itinerários particulares; mesmo que brevemente, revelaram que experimentavam também o anonimato no contexto do bairro em crescente

urbanização; efetivaram avaliações acerca do funcionamento do transporte público, segundo elas gerador de inseguranças e desconfortos. Salienta-se que circular de ônibus com as crianças mostrou-se um recurso metodológico potente, além de divertido para elas, revelador da experiência de viver a cidade, da complexidade de aprendizagens e significados sociais atribuídos ao bairro, indicando características importantes de suas infâncias.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias. Espaço urbano. Metodologia de pesquisa.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the experiences of children in the urban space. More specifically we developed an activity titled “Riding the bus with children along your neighborhood.” This activity helped us to understand childhood as a personal, cultural and political event, and the local experience as a constituent element of the subjectivation and collective organization processes. This activity was developed with seven girls, aged between eight and nine years old, belonging to the popular classes and native families of the neighborhood. As the development of travel we perceived that the children were familiar with autonomous public transportation; that they knew the social contract that governs public spaces according to social markers such as age, social strata, gender; also that they evidenced the notion of belonging to

the neighborhood through the recognition of significant spaces and particular itineraries. Besides that, even briefly, they revealed the experience of anonymity in the context of urban accelerated growth of the neighborhood; they made too evaluations about the functioning of public transportation, which, according to them, is a generator of insecurities and discomforts. It is noteworthy that traveling by bus with the children proved to be an important methodological resource because, as well as fun for them, it was revealing the experience of living the city, the complexity of learning and social meanings attributed to the neighborhood, indicating important characteristics of their childhoods.

KEYWORDS: Childhood. Children. Urban space. Research Methodology

1 | INTRODUÇÃO

Compreendendo a infância como um acontecimento pessoal, cultural e político, e a experiência do lugar como elemento constituidor dos processos de subjetivação e de organização coletiva (PRETTO, 2015), este trabalho pretendeu uma análise de experiências de crianças no espaço urbano. Fará isso, especificamente, a partir de uma atividade intitulada “Circulando de ônibus com as crianças em trajetos de seu bairro”, realizada no contexto de uma pesquisa etnográfica que objetivou conhecer as experiências de crianças frente ao processo de urbanização do bairro em que vivem.

No bojo da materialidade da qual são parte, as crianças circulam e ocupam o espaço público das cidades, utilizam seus equipamentos urbanos e, através deles, enfrentam condições socializadoras de diferentes ordens. Tuan (1983) destaca que os espaços arquitetônicos, além de serem articuladores da ordem social (independente de que forma ela se dê), tem também uma função educativa, servindo de meio para desenvolvimento de percepções e novos conhecimentos.

Para Mayol (2008), transitar pelo espaço urbano permite às crianças uma “especial inserção” no ambiente social ou na vida pública que ocorre, principalmente, mediante um contrato social tensionador de determinados comportamentos e atitudes, bem como de sua vigilância. Nesse sentido, a vida no bairro promove um processo dinâmico de aprendizagens sociais, onde o sujeito não se encontra sozinho, compartilhando com o “coletivo do bairro” não apenas o espaço físico, mas códigos de conduta que primam pela boa convivência coletiva. Tal convivência se sedimenta numa temporalidade e em práticas compartilhadas, nem sempre elaboradas conceitualmente, que podem indicar certas permanências, continuidades, estabilidades, padronizar e regularizar a vida no próprio bairro, das famílias e das crianças.

Dito de outra forma, Mayol (2008) assinala que estar num bairro é engajar-

se corporalmente, tanto no referente à circulação objetiva naquele espaço, quanto como instrumento de sedimentação das práticas mais ou menos convenientes na história de um local, as quais se amparam no uso de diversos estabelecimentos. Estes se colocam como meios para efetivação de objetivos e desejos pessoais e coletivos de uma comunidade, propiciando diversas experiências e aprendizagens aos moradores e agindo como reguladores da ordem no bairro. Alguns ocupam uma posição histórica no bairro, portanto, se revestem de um simbolismo que envolve práticas culturais locais e uma história partilhada entre moradores, tendo como decorrência a noção compartilhada de pertencimento; outros são mais efêmeros, servindo a necessidades pontuais ou mesmo construindo uma história nova no bairro.

Na mesma direção, para Sartre (2001), em cada um dos espaços que compõe seus “arredores” as pessoas encontram diferentes elementos referentes à vida pública já existentes antes mesmo de suas vivências, exigindo delas certos procedimentos, ações e apropriações que envolvem o conjunto de aspectos que compõem a sua situação e seu processo de subjetivação. No bairro, escreve o autor (2001, p.628), “as ruas, casas, lojas, ônibus, sinais de direção, ruídos de aviso, músicas da rádio, uso da bicicleta, etc., por mais indiferentes e exteriores a mim que pareçam, elas indicam condutas a adotar”. Assim, podemos considerar que transitar de ônibus pelo espaço urbano, um dos transportes coletivos mais utilizados pela população na maioria das cidades, além de atender a uma função prática de deslocamento no espaço, pode comportar elementos de diversas ordens na vivência dos passageiros, incluindo certas aprendizagens sociais.

Levando em conta esse simbolismo na relação com o espaço, Michael de Certeau (2009) indica que caminhar pelo espaço pode suscitar narrativas que revelam facetas importantes na constituição de histórias de vida, do modo como as pessoas se reconhecem e são reconhecidas pelos outros, servindo como um potente recurso metodológico nas pesquisas. Essa concepção serviu de embasamento para a trajetória realizada na etnografia aqui referida, que implicou conviver com crianças em alguns espaços do bairro (escola, moradias, igrejas e outros equipamentos urbanos), fazer caminhadas a pé com crianças pelos espaços públicos e ruas de seu bairro, bem como transitar com elas de ônibus por esse contexto.

Esse passeio de ônibus, aqui abordado, envolveu sete meninas, com idades entre oito e nove anos, pertencentes a camadas populares e a famílias nativas do bairro. Vale ressaltar que o transporte coletivo era o meio essencial de transporte utilizado pelas crianças pesquisadas, seja para transitar por espaços do bairro quando não era possível ir “a pé”, para “ir na casa de parentes”, “para ir no médico”, “para ir para à escola, às vezes”, “ir à Igreja”, seja para sair do bairro “para ir no centro” (o que era mais raro já que viviam a cidade a partir do bairro, por restrições econômicas, como foi possível de perceber no contexto geral da pesquisa).

O passeio de ônibus teve como ponto de partida um local próximo às casas das meninas, passando pelas principais avenidas do bairro e se dirigindo ao terminal de integração de ônibus da região. Chegando nesse terminal, após um tempo de espera, houve uma troca de ônibus para retornarmos ao bairro pelo mesmo trajeto, com a diferença de que nosso ponto de chegada foi uma das avenidas, precisamente em seu ponto comercial mais movimentado (mercado grande, padaria, parque infantil, lojas e centrinhos comerciais, etc.). O retorno desse ponto até as casas das crianças foi realizado a pé. A relação entre pesquisadora e crianças nesse dia foi pautada nas conversas informais, conversas orientadas por questões predefinidas, pelo uso de recursos audiovisuais e do diário de campo.

Serão compartilhadas abaixo algumas reflexões decorrentes dessa experiência a partir de alguns eixos: o reconhecimento dos espaços e as contraturalidades sociais; a noção de pertencimento e pontos de vista sobre a transformação urbana de seu bairro; as experiências de anonimato e a insegura; o ponto de vistas das crianças sobre o transporte coletivo.

2 | RECONHECIMENTO DOS ESPAÇOS E AS CONTRATUALIDADES SOCIAIS

Nessa saída de ônibus ficou evidente o quanto o ato físico de “pegar” ônibus era ultrapassado pela complexidade de aprendizagens e significados sociais nele imbricado e indicava características importantes das infâncias das crianças, em que se mesclavam seus conhecimentos e expectativas em relação aos espaços. Com base em anotações no diário de campo, são descritos momentos de nosso trajeto como forma de melhor elucidar esse aspecto.

Passei na casa de Ana para nos dirigirmos até o ponto de encontro combinado com as outras crianças. Ana já me esperava [...]. Seguimos, até o local combinado. Aos poucos, as seis meninas que faltavam foram chegando, em subgrupos (pela movimentação, já estavam juntas antes desse momento). Estavam animadas e nenhum adulto as acompanhava. Acordei com elas o trajeto que faríamos com o ônibus (iríamos até o terminal do bairro, passando pelas avenidas principais, trocaríamos de ônibus no terminal e retornaríamos parando no “centrinho” do bairro, e retornaríamos ao ponto de partida a pé. A partir disso, efusivamente, vieram sugestões de lugar para irmos, paradas e decisões sobre qual lado da rua era melhor para pegar o ônibus. (Diário de campo).

O primeiro aspecto a ser destacado, é relativo a segurança que as crianças revelaram na vivência da situação social de “pegar” e andar de ônibus, realidade às vezes tão distante para crianças com essa idade (oito e nove anos) e de outras camadas sociais. Alguns comportamentos apropriados ao contexto explicitaram essas qualidades: decisão do melhor local da espera do ônibus; respeito ao tempo de espera; conhecimento de horários e preços da passagem; habilidade ao entrar

no veículo; preparo antecipado do dinheiro para pagar suas passagens com o intuito de passar rapidamente pela catraca, evitando filas e atraso da partida do ônibus; conhecimento do espaço do terminal de ônibus e de espaços significativos do bairro.

Assim que avistei as meninas percebi o quanto essa atividade se diferenciava das demais andanças que fizemos pelo bairro (quando circulávamos “a pé”, por trechos e ruas mais próximas a suas casas) por marcar uma saída de suas rotinas, configurando-se como um passeio no espaço público. Elas haviam dado atenção especial a suas aparências, desde as roupas, maquiagem, penteados, uso de acessórios como bolsas. Diferentemente de outros dias, todas mastigavam chicletes. De acordo com Aduan (1997) esses aspectos estéticos consistem em emblemas e sinais visíveis que marcam e diferenciam grupos sociais nas ruas e nos espaços públicos de uma cidade. Especialmente para os jovens, esse recurso é de fundamental importância para a afirmação e aprovação frente aos pares, indicando, ao mesmo tempo, inclusão (no grupo dos “iguais” e exclusão diante de grupos “diferentes”).

Somado a essas questões, as meninas pareciam atender a um “contrato social” regido pela conveniência, próprio da vida nos bairros, conforme considerações de Mayol (2008). Para este autor, o contrato social, necessário para que a vida nos bairros aconteça, é diferenciado para crianças, jovens e velhos, bem como para os diferentes sexos, e implica adesão a códigos revelados em grande parte no próprio corpo do usuário. Este deve se conformar aos códigos implícitos – forma de comportar-se, vestir-se, relacionar-se, obrigações que envolvem vínculos, códigos da linguagem e do comportamento. Neste âmbito, “o corpo é o suporte primeiro, fundamental, da mensagem social proferida, mesmo sem o saber, pelo usuário” (p.48). Assim, passear pelo espaço público, para as crianças, pressupunha estarem enfeitadas, o que era reforçado pelo fato de serem meninas. Como afirma Sofia, mulher sempre tem que sair com “*um batonzinho*”.

Na partida do ônibus, as crianças entraram rapidamente no veículo quase vazio e sentaram-se nos bancos do fundo, trocando algumas vezes de lugar entre si, até encontrarem um que as agradasse. Inicialmente falavam ao mesmo tempo, alto e com muitas risadas, criando um território próprio dentro desse espaço de uso público. Os desconhecidos que entravam no ônibus a cada ponto, lotando-o aos poucos, recebiam delas olhares furtivos e sem interesse, já que estavam absorvidas com os comentários sobre o que viam pelas janelas. Nessa busca pelo cenário do bairro que se descortinava através do vidro da janela, as crianças mencionavam pontos significativos, faziam comentários entre si e travavam conversas coletivas, instigadas por breves “reportagens” pontuais realizadas e gravadas por mim. No ônibus, ainda, mantiveram-se à vontade para fazer bagunça, expor seus pontos de vista naquele espaço em movimento e em demonstrar abertamente a alegria e o prazer que experimentavam com aquela experiência.

Como crianças, dentro do contrato social posto culturalmente, como compreende Mayol (2008), esse tipo de exposição efusiva era permitido e, apesar de gerar olhares curiosos, não era o que gerava o maior estranhamento das pessoas. O que parecia ser estranho para os adultos do ônibus, era o fato de ver um grupo de crianças de oito anos portando gravador, máquina fotográfica e tecendo comentários sobre os espaços do bairro, como também sobre as condições do transporte que nos deslocava. Essa situação indicava promover uma quebra na dinâmica social preponderante, que caracteriza o ônibus como um território adulto, ainda mais no horário do meio da tarde, onde as pessoas estabelecem poucas relações entre si, mas, principalmente, por evidenciar outra forma de infância, pouco vista no espaço público, que opinava e era questionada por uma pessoa adulta sobre questões espaciais e sociais.

3 | EXPERIÊNCIAS DE PERTENCIMENTO E O ESPAÇO EM TRANSFORMAÇÃO

Nosso itinerário pelo bairro, tanto de dentro do ônibus, como na sequência do passeio, andando pelo “centrinho” do bairro, era de passagem, porém, paradoxalmente, era um instrumento de muitas ‘paradas’, na medida em que apontava a localização de ambientes e pessoas significativas para as crianças.

Falas que se sobrepunham anunciavam os pontos mais importantes foram as escolas próprias, as dos irmãos ou primos (todas públicas); as casas de parentes “daqui a pouco tem a casa da Vó”; as igrejas frequentadas por algumas crianças; local de trabalho de alguns pais, mães e tias/os “minha irmã trabalha aqui”, “minha mãe aqui”, “o meu tio trabalha ali, no posto, vamos ali”; o parquinho infantil em frente à padaria; a casa da festeira da Festa do Divino (tradicional entre os nativos); os estabelecimentos comerciais como a loja de 1,99; a casa da moça que “vende um monte de coisa, vende pijama”. Tantas indicações manifestavam uma contrariedade à efusão de relações anônimas (cada vez mais presentes nos espaços urbanos, como salienta Augé (2010) e apontavam a densa rede de relações sociais, especialmente familiares, que as crianças possuíam no espaço do bairro e que criavam territórios e itinerários particulares.

A passagem por esses cenários também evocava a contação de histórias familiares e com isso, aventava possibilidades de experiências futuras. Como exemplo desse último aspecto, Raquel contou histórias da tia, que morava com a avó. “Minha tia teve sorte, o curso dela só começou nessa semana. Curso de assistência social na Federal, tem 18 anos”. Ao nos aproximarmos da casa do avô de Sofia “meu Vô trabalha com madeira, faz coisas para vender. É jardineiro [...] e minha avó era professora”. Compartilhando histórias passadas Marine diz “eu tenho

uma foto sentada na pedra com a Raquel, lembra?”.

Dessa maneira, preponderavam aos olhos das crianças os espaços repletos de significados compartilhados e de sentidos próprios assentados na cultura de pares e pela busca do conhecido que se dava a todo instante, parentes, pontos significativos que faziam surgir histórias, lembranças, fofocas, brincadeiras e diálogos que edificavam sentidos coletivos. Tais práticas, além de fomentar os laços de amizade, potencializavam a noção de pertencimento social a um lugar. Além disso, tal sentimento se expressava na familiaridade e domínio que as crianças demonstravam em relação aos espaços, sendo a diversão a tônica da ação de andar livremente pelo bairro.

Mas esse era um lugar que também se transformava, o que se fazia notar nas mudanças percebidas pelas crianças. Em suas percepções ganhou destaque o “mercado grande” que havia aberto há pouco tempo, em contraposição ao mercado pequeno que fechara.

- O [mercado pequeno] fechou porque aumentaram o preço lá...é que eles aumentaram muito as coisas (Sofia).

- faltou dinheiro por causa do [mercado maior] (Marine)

- é que eles tavam vendendo muito pouco e aumentaram muito os preços...e só perderam clientes...mas esse mercado é bem carinho aqui (ouço outras vezes: é verdade), sabia? Minha tia comprou dois pedacinhos de carne, um de carvão, um refrigerante e deu quase 10,00! [...] (Sofia)

- tem uma pizzaria [...] que não fechou! (Marine)

Ao passarmos por uma clínica de odontologia, Raquel diz “oh, me lembro quando isso aqui era uma loteria” [...].

Percebia-se aqui, a partilha de informações, vindas de familiares em sua maioria, que indicava um esforço para compreender as transações entre o local e o global que caracterizam os processos de urbanização e que, como diz Santos (2012) alteram de modo complexo a vida da população local/nativa.

Perguntadas sobre o que achavam das mudanças no bairro, as meninas destacaram pontos positivos e negativos “tem mais lojas, mais parques para crianças”. O ruim é que cortam as árvores, polui a água e também tem muito assalto. Antigamente não tinha”. Se referiram a um pequeno parque localizado nas proximidades da avenida em que estávamos, antes não existente. Interessante notar que muitas lojas e espaços como academias esportivas e de dança surgiram no bairro, porém, por uma questão econômica, não eram frequentados pelas crianças, revelando que a urbanização trazia as novidades e com elas, as segmentações sociais, “queria fazer balé, mas é muito caro”. Igualmente, trazia a alteração nas paisagens naturais e a acentuação da violência, o que restringia a liberdade de circulação pelas ruas. Quando revi os registros de imagens que construímos nesse dia, encontrei uma foto em que as meninas estavam escondidas atrás de uma

placa de vende-se, em frente a um condomínio de casas, o que retratou de forma emblemática a transformação que o bairro passava.

4 | ANONIMATO E INSEGURANÇA

Na volta de nossa viagem de ônibus as crianças não tiveram tanto espaço, sendo “engolidas” pela multidão que lotou o ônibus antes dele dar partida. Segue um trecho do diário de campo:

a viagem de ônibus que nos levou de volta ao bairro foi mais tensa. Como o ônibus saiu muito lotado, não conseguíamos estabelecer nenhuma conversa, já que as crianças ficaram separadas por um corredor saturado de pessoas. Eu fiquei em pé no corredor e não conseguia ver todas ao mesmo tempo, o que também me deixou incomodada [...] eu estava “espremida” próxima a Marine, que estava sentada num banco de corredor, vi várias vezes bolsas e braços de pessoas baterem em sua cabeça e desarrumarem seu cabelo. Ela olhava incomodada e arrumava o cabelo de novo. Aos poucos, o ônibus foi esvaziando e nós também pudemos descer – aliviadas. (Diário de campo).

Outra situação em que demonstraram desconforto e tensão visíveis nos olhares e gestos, foi relacionada às condições das ruas e das calçadas e ao perigo no trânsito, no momento das caminhadas. Em relação a estas últimas, elas notavam a falta de planejamento no sistema viário do bairro, em que as ruas têm sido asfaltadas privilegiando o espaço dos automóveis e sem preocupação com as calçadas, já que se viam obrigadas a andar em terrenos irregulares, pequenos e esburacados, com mato e areia, ou mesmo na própria rua, após a passagem dos automóveis.

Esses dois momentos de nosso passeio salientaram as condições de transporte da cidade, o ônibus superlotado, comumente motivo de críticas da população, e as condições inapropriadas para andar nas ruas, bem como marcaram a única situação em que as crianças guardaram ou entregaram as câmeras e gravadores para a pesquisadora. Eram situações em que não tinham proteção especial, não se diferenciando significativamente de outros transeuntes da cidade, apontavam as condições não ideais para circulação das crianças nas cidades, bem como pautavam, por momentos, a reflexão sobre “não lugares” propostas por Augé (2010). Ali, diferente do observado nas adjacências de suas moradias, havia campo frutífero para a real possibilidade do anonimato, ressaltando a complexidade das dinâmicas dos espaços urbanos.

De outra maneira, esse horizonte do anonimato e impessoalidade era percebido pelas crianças e definia de certo modo alguns comportamentos. Quanto mais os espaços eram distantes de suas casas e ruas próximas, maior era a altura das músicas, cantos e falas. Talvez por se perceberem mais anônimas, com maior espaço para romper conveniências estabelecidas por um contrato social implícito,

como expõe Mayol (2008).

5 | AS CONDIÇÕES DO TRANSPORTE COLETIVO

Sobre a experiência de estar dentro do ônibus e de seu funcionamento, apresento dois diálogos a serem problematizados. A primeira foi após uma situação específica no interior do ônibus...

- Zuuuu!

Muitos risos.

Sofia- Zu, a Raquel deu um pulão!

Z- [...] Vocês acham que esses bancos são confortáveis para vocês?

- sim. Não. Não. Não.

Talita- está grudando nas minhas costas (Comentários de concordância).

...

Z- vocês acham que o ônibus é adequado para crianças?

Nãoooo!.

Amanda- tem pouca segurança (todos riem e concordam)

Raquel- não tem cinto de segurança (dá um pulo de novo)... tá vendo?

Sofia- tem pedófilos

Ana – e também tem um ladrão que pode assaltar a gente. Tipo no episódio do Cristian (?) “mãos para cima, mão para cima” (faz voz grossa). Aí o Cristian “que mão para cima, o quê?” (risos). [referindo-se a um programa televisivo]

A segunda situação, ocorreu no terminal de ônibus, quando aguardamos, por aproximadamente 30 minutos, a conexão que nos levaria novamente ao bairro.

Eu - Geralmente quando vocês pegam o ônibus demora bastante?

Siiim!

Eu- o que vcs acham dessa situação?

Raquel- muito chato!

Sofia- horrível, terrível (as outras crianças concordavam com a cabeça)

Eu- como vocês acham que isso poderia ser resolvido?

Raquel – se a gente viesse de carro ...de alguém...(insinuando que poderia ser o meu carro. Expliquei que não caberíamos todas nós...).

Eu - que poderia ser feito para que as pessoas esperassem menos?

Raquel- se os motoristas não fossem tão tolos, demoraria menos.

Ana – tipo, se os motoristas, que ficam lá sentados viessem e perguntasse se tá todo mundo pronto, daí chegava e saia

Amanda- é verdade!

Eu- e vocês Talita e Eduarda?será que o motorista é que decide?

(fazem não com a cabeça...indecisas)

Ana- ele deveria sair quanto tivesse todo mundo no ônibus.

Eu – e ele não sai por quê?

Ana – por que é o horário.

Sofia- por que ele é preguiçoso.

Eu- então vocês acham que a culpa é do motorista? Será que ele pode sair em

qualquer horário?

- não! não!

Eu- Então a culpa é de quem?

Ana- é da empresa! (Todas concordam)

Amanda – eles esperam o ônibus encher bem para sair.

Assim, além do que foi destacado acima sobre a superlotação do ônibus, na avaliação das crianças, as principais problemáticas no uso do transporte público eram relacionadas à falta de segurança e ao desconforto. A ameaça da violência, sua relação com a pedofilia e a mídia era assunto frequente em seus cotidianos, fazendo-se presentes também no contexto em análise. Associado a isso, não havia cinto de segurança, indicando uma transgressão aberta e aceita socialmente às recomendações de segurança no trânsito, ouvidas com frequência pelas crianças em campanhas e noticiários televisivos.

A própria estrutura física do ônibus foi considerada inapropriada pelas crianças. O formato dos bancos é projetado para pessoas adultas, as crianças “pulam” (ainda mais sem o cinto) e o material “gruda” na pele. Este panorama acompanha as características de outros equipamentos urbanos, tais como restaurantes, lanchonetes, banheiros, etc., que raramente contemplam as especificidades das crianças. Também para Lopes e Vasconcellos (2009) e Nubia Santos (2009), as crianças estão excluídas da organização de seus espaços, sendo estes programados pelos adultos e nem sempre atendem às necessidades ou desejos das crianças. O espaço não é suficientemente preparado para atendê-las (já que nem sempre as mobílias condizem com o seu tamanho ou suas necessidades) e sua participação nesses espaços não é considerada relevante politicamente (já que nunca são solicitadas para dar suas opiniões sobre a organização ou funcionamento urbano), como salientado por Castro (2009)

Já o número reduzido de ônibus, que fazia aumentar o tempo de espera, e o fato deles saírem superlotados era do conhecimento das crianças, pois eram vivências comuns em seus cotidianos e bastante comentadas pela população do bairro. A reclamação pelo “tempo perdido” e a consequente solicitação por mais horários de ônibus no bairro, era uma luta antiga da comunidade, de que as crianças participavam. Importante notar que o entendimento inicial sobre a causa do tempo excessivo de espera foi atribuída, ingenuamente, aos motoristas dos ônibus, que seriam preguiçosos, o que revela o imediatismo da análise, presa ao que viam: os motoristas que ficavam parados, conversando, enquanto a população esperava. Porém, quando questionadas e incitadas a refletir um pouco mais, chegaram à conclusão de que os motoristas estão submetidos às ordens das empresas, obedecendo horários de saída pré-definidos.

Vale destacar também a solução sugerida por Amanda para resolver a situação,

“se a gente viesse de carro...”. Tal ideia implicava prescindir do transporte público, e estava de acordo com a análise de Castro (2009) sobre o fato das cidades serem apresentadas às crianças (e às pessoas de modo geral), como um produto pronto “é assim mesmo”, desestimulando a ação. Por outro lado, desistir de usar o transporte coletivo, superlotando as rodovias de automóveis, é uma das atitudes frequentemente observadas na cidade em questão. Contudo, tal escolha é viável para quem tem melhores condições econômicas e não para grande parte da população, como era o caso de muitas crianças dessa pesquisa.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Circular com as crianças de ônibus pelo bairro em que residiam, foi considerado um importante recurso metodológico que compôs uma série de outras ações com vistas a caracterização da experiência de infância num bairro em acelerado processo de urbanização. Podemos confirmar o quanto transitar pelos espaços se configura uma ferramenta de pesquisa que facilita a narração das crianças, sendo uma ação geradora de entusiasmo e alegria, ainda mais quando realizada em grupos.

Salienta-se, com a experiência aqui apresentada, o simbolismo que envolve a relação com o espaço vivido, sendo que a estratégia de circular de ônibus com as crianças pôde trazer elementos para entender a rede de relações que constituía o cotidiano das crianças, em especial a rede de parentesco e os equipamentos urbanos que eram significativos e organizativos da vida das crianças. Isso possibilitava além de uma apropriação dos espaços, experiências de pertencimento, partilha e segurança. De outro modo, quando não familiarizadas com os entornos, não deixavam de notificá-los e indagá-los, numa tentativa de integrar o novo aos cenários conhecidos.

Utilizar o transporte público, como integrantes da população que vive em cidades, foi também ilustrativo dos processos educativos que essa atividade pode propiciar às crianças, inserindo-as na coletividade. Corresponder às exigências do uso do transporte coletivo, indica habilidades por parte das crianças em reconhecer seu funcionamento, agir adequadamente em relação a ele e se perceber concluindo a contento um propósito (esperar o horário, identificar o local para pegar o transporte e usar devidamente o dinheiro, são exemplos desse aspecto). As crianças sentiam a cidade, percebiam as segregações, a ineficiência dos serviços e as mudanças no bairro em crescimento. Isso demonstra a importância das crianças transitarem pelas cidades, utilizarem seus recursos, perceberem suas características e, com isso, exercitarem e produzirem suas cidadanias.

Assim, a partir do uso transporte público foi possível perceber que as crianças não estão alheias ao contexto social mais amplo, sendo a infância parte desse sistema, integrando-o, tanto quanto os adultos, embora refiram-se a esse mundo a

partir de uma ótica própria (PRETTO, 2013, 2015). Falta, portanto, reconhecer as crianças como competentes, incluindo seus pontos de vista e suas necessidades nos debates e nas decisões sobre o contexto micro e macro em que transcorrem suas infâncias, como também pontuam Castro (2001) e Rizzini (2011).

Pensando as cidades, Velho (2002) afirma que os bairros podem configurar um dos poucos espaços de mobilização social e de exercício político e de resistência ainda possíveis na nossa sociedade que tanto recusa seu direito à cidadania, principalmente para as novas gerações. Para o mesmo autor, o diálogo com as novas gerações é fundamental para pensar as relações sociais e o regime democrático a que o país se submete.

REFERÊNCIAS

- ADUAN, Wanda Engel. As crianças na cidade partida. IN: GARCIA, Cláudia Amorim; CASTRO, Lúcia Rabello; SOUZA, Solange Jobim (org.) **Infância, cinema e sociedade**. Rio de Janeiro: Ravil, 1997. (Coleção da Escola de Professores).
- AUGÉ, Marc. Os lugares antropológicos; Dos lugares aos não lugares. In: AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 1994 (pp.43-107). ISBN 8530802918
- CASTRO, Lucia Rabello de. Juventude e socialização política: atualizando o debate. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 25, n. 4, Dec. 2009. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000400003&lng=en&nrm=iso (Acesso em: 25 ago. 2019)
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. 9. ed. Petropolis: Vozes, 2009. 376p. ISBN 8532616690
- LOPES, Jader J. Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. Geografia da infância: Territorialidades Infantis. **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, pp.103-127, Jan/Jun 2006
- MAYOL, Pierre. O bairro; a conveniência. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. 9. ed. Petropolis: Vozes, 2009. 376p. ISBN 8532616690.
- PRETTO, Zuleica. A infância como acontecimento singular na complexidade dialética da história. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000300016&lng=pt&nrm=iso (Acesso em: 25 ago. 2019)
- PRETTO, Zuleica. **Crianças no contexto de um bairro em processo de urbanização na Ilha de Santa Catarina (2010-2014)**. 2015. 277f. Tese (Doutorado em Psicologia). UFSC, Florianópolis.
- RIZZINI, Irene; FONSECA, Claudia. **As meninas no universo do trabalho doméstico no Brasil: aspectos históricos culturais e tendências atuais**. Brasília: Organização Internacional de Trabalho (OIT), 2002 (Relatório de Pesquisa).
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos históricos e teóricos da geografia**. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 136 p. ISBN 9788531410444
- SANTOS, Núbia Aparecida Schaper. Quando os saberes sobre infância, subjetividade e espaço sentam-se à mesa. **Educação em Foco** (Juiz de Fora), v. 13, p. 35-43, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**: ensaio de uma ontologia fenomenológica. R.J.: Petrópolis, 1943/2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983. 250p.

VELHO, Gilberto. Antropologia e cidade. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org). **Cidade**: História e desafios. Rio de Janeiro: Ed Fundação Getúlio Vargas, 2002. (p. 36 – 41). ISBN 8522583850.

SOBRE A ORGANIZADORA

Maria Izabel Machado - Possui graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (2009). Em 2012 defendeu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFPR) na linha de pesquisa “Cultura e Sociabilidades” no eixo temático Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos. Em 2017 defendeu sua tese de doutorado (UFPR) também na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades, desta vez no eixo temático Gênero e Trabalho. Como pesquisadora se dedicou durante sua formação acadêmica aos temas economia solidária, gênero, trabalho e cuidado. Atualmente as pesquisas em curso se inscrevem na perspectiva pós-estruturalista e de gênero acerca da cartografia dos sujeitos no ensino superior, especialmente na formação em pedagogia. Como educadora atuou na formação de lideranças populares por meio de ONGs e outras instituições, e também com formação de professores em projetos de cultura de paz nas escolas. Atuando na docência nas redes públicas e privada desenvolveu trabalhos acerca da inclusão e segregação no ambiente escolar e com uso de literatura em sala de aula para ensino-aprendizagem de sociologia, na educação básica, especialmente no ensino médio. Atua como docente na Universidade Federal de Goiás (Faculdade de Educação), participando como pesquisadora do grupo Mutamba (UFG) e do Núcleo de Estudos de Gênero (UFPR). Nesta instituição ainda desenvolve projeto de extensão interdisciplinar a partir da imbricação educação, sociedade e cultura. Contato: mariaizabelmachado@ufg.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 24, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 183

Associativismo 67, 87, 90

B

Biografias 137, 149, 150

Brincar 16, 17, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 60, 65

C

Candomblé 34, 37, 38, 39, 40, 41

Ciência e tecnologia 122, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 145, 147, 148, 150, 216

Conservadorismo 163, 173

Crianças ribeirinhas 12, 14, 16, 19, 56, 58, 59, 60, 61, 63

Cultura 2, 18, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 49, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 80, 94, 108, 111, 115, 124, 132, 157, 161, 162, 164, 165, 166, 168, 170, 171, 173, 197, 200, 217, 218

D

Desastres ambientais 79, 80

Desemprego 175, 176, 177, 180, 185, 186, 191

Desenvolvimento 11, 23, 24, 32, 44, 56, 63, 64, 70, 78, 88, 90, 110, 113, 119, 121, 126, 128, 134, 135, 136, 137, 140, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 177, 178, 187, 193, 200, 204, 205, 213, 214, 215

E

Enem 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 133

Ensino de sociologia 118, 125, 132

Escrita 41, 56, 60, 152, 153, 154, 156, 157, 163, 208

Espaço urbano 43, 44, 45

Estigma 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 169, 209

F

Familismo 166

G

Gênero 30, 38, 43, 106, 112, 113, 131, 133, 138, 152, 163, 185, 189, 194, 201, 202, 203, 205, 208, 215, 217, 218

Gestão de desastres 67, 76

H

Habitus 94, 95, 102, 200, 204

I

Infância 12, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 41, 42, 43, 44, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 154, 199

M

Migrações 105

Mineradoras 80, 88

P

Poder público 13, 14, 20, 67, 70, 71, 75, 82, 90

Poesia 59, 152, 153, 162

Políticas públicas 11, 20, 63, 67, 79, 80, 90, 132, 133, 134, 135, 194

Precarização 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 187

Privação de liberdade 92, 93, 94, 97, 102, 103

Prosopografia 134, 135, 137, 149

R

Racismo 34, 35, 36, 107, 113, 207, 208

Representações 1, 2, 3, 5, 10, 11, 25, 26, 29, 61, 125, 191

Ribeirinhos 13, 17, 21, 80, 89

Rural 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 21, 139, 143, 166, 170

S

Saber local 67, 73, 75, 78, 91

Segregação 36, 218

Subversão 23, 28, 31

T

Terapia ocupacional 23, 24, 26, 31, 32, 33

Trabalho 1, 4, 10, 11, 12, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 43, 44, 48, 54, 63, 67, 79, 81, 92, 93, 94, 102, 105, 107, 110, 114, 115, 120, 126, 130, 136, 153, 158, 159, 164, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 196, 200, 201, 212, 213, 214, 218

Transporte escolar 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Transporte público 43, 52, 53

U

Urbano 1, 2, 4, 5, 7, 10, 11, 43, 44, 45, 52, 70, 78, 170, 171, 179

V

Vulnerabilidade social 23, 25, 31

